

A pontuação da incompletude em *A hora da estrela*

Fátima Almeida da Silva*

Resumo: Muito já se disse sobre Clarice Lispector. Muito há, no entanto, a se dizer. Com este trabalho, debruçamo-nos sobre o funcionamento discursivo da pontuação em **A hora da estrela** de Clarice Lispector. Em tal novela clariceana, a pontuação constitui uma forma de negociação com o NÃO-UM de um dizer que se apresenta incompleto, fraturado, estilizado. Em alguns momentos, na escrita clariceana, busca-se resgatar o UM do dizer, denegando o NÃO-UM. Em outros momentos, há a aceitação e a abertura para o NÃO-UM constitutivo do dizer. Há, ainda, circunstâncias em que se vacila ante resgatar o UM e acolher o NÃO-UM.

Palavras-chave: Análise de discurso; incompletude; pontuação; literatura.

Com este artigo, pretendemos dar a conhecer nossa dissertação que se intitulou de ***A hora da estrela: uma narrativa que se desdobra sobre si mesma, tecendo e destecendo retratos do(s) outro(s) e retratos de si.*** A novela **A hora da estrela** de Clarice Lispector (1998) é uma narrativa que se desdobra sobre si mesma, pois, neste livro, há um narrador que, na tentativa de descrever a personagem alagoana, se defronta com o vazio, com a ausência de palavras para dizê-lo, enfim, com o NÃO-UM de seu dizer. Por isso, pontua, isola esse NÃO-UM na medida em que tece e destece, perfis do dizer, de Macabéa e de si mesmo.

Essa pontuação do narrador sobre seu dizer, sobre o outro e sobre si mesmo se materializa linguisticamente por travessão e parêntese (incisas) e pela interrogação. Neste trabalho, ancorados nos estudos de Orlandi, Authier-Revuz (1998) e ainda de Paulillo (2004), analisamos o funcionamento discursivo destes sinais – incisas e interrogação – na novela clariceana, bem como investigamos como o narrador negocia com esse NÃO-UM que se inscreve, à sua revelia, em seu dizer.

O travessão, o parêntese e a interrogação, vistos discursivamente, constituem formas de ruptura da linearidade do texto. Tais rupturas, cortes que aparecem no fio discursivo do narrador, apontam para uma incompletude constituinte desse dizer. As incisas, sinalizadas por travessão e por parênteses,

* Mestre pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com a dissertação **A hora da estrela: uma escrita que se desdobra sobre si mesma**, orientada pela Prof.^a Dr. Vanise Medeiros. E-mail: fatimalispector@yahoo.com.br

assim como a interrogação, mostram, na língua, a tentativa malograda do narrador de tamponar a incompletude de seu dizer. Daí o título do presente artigo ser a pontuação da incompletude.

Os três sinais de pontuação são marca de um dizer marcado pelo não-um, por aquilo que é da ordem da heterogeneidade. O narrador vai se relacionar com esse não-um posicionando-se de três formas: como narrador onipotente, como narrador impotente e como narrador vacilante.

Uma observação importante: antes da análise discursiva de cada sinal de pontuação, trouxemos uma abordagem gramatical dos sinais. As gramáticas, analisadas por nós, ao tratar do travessão, do parêntese e da interrogação se inscrevem em uma formação discursiva lógico-sintática. De acordo com uma leitura gramatical, os parênteses, por exemplo, são elementos acessórios e secundários, da ordem da ornamentação.

Nossa análise desses sinais se inscreve em uma abordagem enunciativo-discursiva de acordo com a qual o travessão, o parêntese e a interrogação constituem formas marcadas linguisticamente da negociação do narrador com uma heterogeneidade constitutiva de seu dizer. Desse modo, o travessão e o parêntese, por exemplo, não são secundários, mas constituem o dizer do narrador, fazendo com que este dizer se apresente fraturado, quebrado, cindido em vários locais.

Recortamos 82 seqüências discursivas delimitadas por tais sinais. O critério usado para divisão de tais seqüências foi a existência, ou não, de reflexividade e o posicionamento discursivo do narrador.

O travessão, em um primeiro grupo de sentidos, apresenta reflexividade e funciona, portanto, como glosa metaenunciativa que retorna sobre uma palavra ou oração enunciada anteriormente. Neste caso, o narrador, em uma posição de onipotência, lida com a incompletude da linguagem, procurando controlar os sentidos da palavra anterior. Assim, Rodrigo S.M. se posiciona como mestre de seu dizer, interditando sentidos outros. Por isso, chamamos essas glosas de “glosas de interdição”. Neste funcionamento do travessão como glosa que limita sentidos de um dizer anterior, joga a não-coincidência das palavras consigo mesmas de que fala Authier-Revuz (1998).

O travessão, em um segundo grupo de sentidos, não apresenta reflexividade. Este grupo de sentidos, por sua vez, apresenta, pelo menos, dois funcionamentos distintos do travessão: (1) o travessão funciona como espaço de fuga e (2) como hesitação. Vamos a cada um deles.

O travessão pode funcionar como espaço de fuga (1) – espaço para onde o narrador, na posição narrador-impotente, foge. Foge, por não ter como, através de palavras, criar um outro destino para a nordestina. Ainda, pode-se afirmar que, foge-se para evitar o encontro com o NÃO-UM de seu dizer. Aqui está em jogo uma não-coincidência entre as palavras e as coisas. O travessão pode sinalizar, ainda, uma hesitação (2) do narrador no momento

exato em que descreve a história da personagem alagoana. Hesita-se porque não se encontra a palavra adequada que capture a situação vivenciada por Macabéa. Tem-se um efeito de tateamento, de procura da palavra que nomeie. Às vezes, na incisa, há o encontro da palavra. Entretanto, haverá sequências, em que a palavra procurada não é encontrada e, na incisa, vemos irromper o NÃO-UM, o impossível da língua que se inscreve na própria língua.

O parêntese, por sua vez, em algumas incisivas, apresenta reflexividade e funciona como glosa de interdição. Nestas glosas, o narrador busca conter o NÃO-UM de seu dizer, traçando retratos da personagem alagoana e da história narrada, procurando traduzi-los para o leitor. Aqui, também temos uma glosa que retorna sobre um termo (modalização sobre a palavra) ou sobre toda oração anterior (modalização sobre o conteúdo). Nos parênteses, que apresentam reflexividade, o narrador se coloca em uma posição de onipotência. Neste caso, joga a não-coincidência das palavras consigo mesmas, estudada por Authier-Revuz (1998).

No entanto, haverá parênteses nos quais não teremos reflexividade, mas suspensões do dizer. Em tais suspensões, o narrador tece retratos de si mesmo. Neste momento, o narrador se posiciona como um ser vacilante, que tem medo, que se divide entre o poder narrar e o não dar conta do narrar, entre a possibilidade e a impossibilidade de descrever o outro; entre restaurar o UM do dizer e deixar o NÃO-UM florescer em suas palavras. Os parênteses, aqui, funcionam não mais como glosas, mas como enunciações vacilantes – enunciações que fazem com que todo o dizer anterior vacile, bascule, expondo, assim, o dizer anterior à imprecisão. Apoiamo-nos, para tanto em Paulillo (2004) que formula, a partir de Authier-Revuz (1998), o conceito de enunciação vacilante. Na enunciação vacilante, joga a não-coincidência entre as palavras e as coisas. É como se o narrador vacilasse enquanto busca a palavra adequada. Paulillo (2004) não fala em enunciação vacilante. Nós fizemos uma extensão do conceito proposto por essa autora, uma vez que se temos uma enunciação vacilante, o enunciador também será vacilante.

No que tange ao funcionamento da interrogação, com o aporte teórico de Authier-Revuz (1998), pude perceber este sinal funcionando como glosa metaenunciativa, apresentando, por isso, reflexividade. A glosa, na interrogação, expõe o dizer anterior ao equívoco, levando-o à vacilação. O narrador antes da interrogação descreve a história da personagem. Entretanto, a interrogação comparece desdizendo, desconstruindo totalmente o que fora dito, o que leva o dizer anterior a experienciar o equívoco. Para este funcionamento da interrogação, conjugamos a teoria de Authier-Revuz (1998) à teoria de Paulillo (2004).

Para nós, neste funcionamento da interrogação, temos uma glosa, conforme Authier (1998). Entretanto esta glosa desloca o leitor, fazendo com que este, também, vacile, uma vez que ela desconstrói os sentidos do dizer

anterior, lançando este dizer ao equívoco. O narrador por sua vez, semelhantemente ao seu dizer, vacila, tropeça em suas próprias palavras. No funcionamento da interrogação como glosa, joga a não-coincidência entre as palavras e as coisas.

Dessa forma, podemos dizer que o travessão, o parêntese e a interrogação, em **A hora da estrela**, constituem sinais de equívoco que, em um momento apontam para um dizer regrado; em outro momento, apontam para um dizer que se equivoca. Este dizer materializa linguisticamente as posições discursivas de um narrador que, em um primeiro momento, julga restaurar o UM de seu dizer; em um segundo momento, vê-se impotente diante da empreitada de restauração do UM; e, em um terceiro momento, vacila entre a restauração do UM e o reconhecimento do NÃO-UM. Vale a pena dizer, ainda, que assim como o dizer do narrador de **A hora da estrela**, nosso dizer está marcado por não-coincidências das quais, assim como Rodrigo S.M., não conseguimos dar conta. Daí, talvez, a convocação ao leitor.